



PODER / Presidente toma a frente da articulação para tentar reverter o cenário hostil no Senado contra o AGU, escolhido para a vaga aberta no STF. Chefe do Executivo se encontra com relator da indicação e reúne ministros para traçar estratégias

Lula entra em campo para salvar Messias

» FERNANDA STRICKLAND
» ALÍCIA BERNARDES

Em meio ao agravamento da crise política com o Congresso, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva resolveu entrar na articulação pela aprovação do advogado-geral da União, Jorge Messias, à vaga no Supremo Tribunal Federal (STF). A sabatina dele está marcada para o próximo dia 10.

Lula almoçou, ontem, no Palácio do Planalto, com o senador Weverton Rocha (PDT-MA), relator da indicação de Messias na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Casa. O parlamentar é amigo do presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), que está insatisfeito com o governo, pois defendia o nome do senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG) para a cadeira no STF.

O chefe do Executivo também se reuniu, ontem, com ministros para reavaliar a estratégia de articulação. A orientação é reconstruir canais de diálogo com o Legislativo. Participam da reunião os titulares da Fazenda, Fernando Haddad; da Justiça e Segurança Pública, Ricardo Lewandowski; e da Secretaria de Relações Institucionais, Gleisi Hoffmann, responsável pela articulação política com o Congresso.

O encontro ocorreu após um fim de semana de forte desgaste na relação entre o Planalto e o Senado. A tensão subiu após declarações de Alcolumbre, que reagiu publicamente às suspeitas de que estaria condicionando a aprovação de Messias à liberação de cargos e emendas. Segundo ele, setores do Executivo alimentaram a “falsa impressão” de que divergências institucionais seriam resolvidas por meio de barganhas políticas, algo que classificou como ofensivo.

Alcolumbre também demonstrou surpresa com o fato de o Planalto não ter enviado a mensagem formal ao Senado comunicando oficialmente a indicação, apesar de ela já ter sido publicada no *Diário Oficial da União*. A leitura em plenário é etapa obrigatória antes da sabatina na CCJ.

Nos bastidores, parlamentares avaliam que o destino de Messias depende menos de sua trajetória

Rafa Neddermeyer/Agência Brasil



O presidente Lula com Messias: AGU corre contra o tempo para vencer as resistências antes da sabatina no Senado, marcada para o dia 10

jurídica e mais da capacidade do governo de reaproximar-se de Alcolumbre. Gleisi Hoffmann, por sinal, intensificou os contatos com o Senado nos últimos dias. Ela negou qualquer tentativa de negociação de cargos e reforçou que o governo respeita a autonomia entre os Poderes.

Também nesta segunda-feira, em conversa com jornalistas, o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, disse acreditar que o impasse será superado e que o diálogo prevalecerá até a sabatina. “Qualquer estresse pontual será resolvido. O presidente Lula tem experiência e dedicação para construir maiorias”, argumentou.

Negociação

Enquanto o governo tenta agir na defesa de seu nome, Messias buscou conversas com lideranças do União Brasil e do PSD, na tentativa

de desarmar o ambiente de tensão.

O União Brasil, partido de Alcolumbre, e o PSD, sigla de Pacheco, estão no centro do esforço de Messias para reabrir canais de diálogo. Aliados confirmam que o indicado tenta reconstruir pontes com ambos os grupos, considerados essenciais para evitar um ambiente hostil durante a análise de seu nome na CCJ.

No União, Messias fez contato com o gabinete do líder Efraim Filho (PB), mas não há encontro marcado. No PSD, as tratativas avançaram: o líder Omar Aziz (AM) afirmou ao **Correio** que deve receber Messias hoje. “Primeiro, vou ouvir; depois, posso ter uma posição”, afirmou.

O senador disse manter boa relação com Messias e Pacheco, mas preferiu evitar antecipar qualquer movimento. “Não tenho nada contra ninguém. Vou conversar com ele amanhã”, frisou. O parlamentar minimizou ruídos internos e

lembrou que a indicação ao Supremo é prerrogativa exclusiva do presidente da República.

Messias também ampliou os gestos à oposição. Ontem, esteve com o senador Izalci Lucas (PL-DF), que classificou o encontro como “cordial”, mas ponderou que a boa vontade no gabinete não garante votos na sabatina. “Depende muito do voto secreto e da indisposição entre Congresso e Executivo, que pode atrapalhar bastante”, destacou. Izalci disse não acreditar que pressões setoriais, como a da bancada evangélica, que organizou encontros com Messias, influenciem decisivamente. “Cada senador tem sua opinião e vai manifestar isso no voto secreto”, ressaltou.

Hoje, o AGU tem almoço marcado com senadores do bloco Vanguarda, formado por PL e Novo, intermediado pela senadora Dra. Eudócia (PL-AL).

CPMI

O clima também repercutiu na CPMI do INSS. O presidente da comissão, Carlos Viana (Podemos-MG), sustentou que o pedido de Messias para um encontro com a bancada evangélica não deve alterar a votação do requerimento que pede sua convocação para depor no colegiado. “A decisão é individual e secreta”, lembrou, acrescentando que Messias “terá chance de explicar” a atuação da AGU no caso das fraudes contra beneficiários do INSS, se o pedido for aprovado.

Viana voltou a criticar o governo por recorrer ao Judiciário em disputas com o Congresso, citando decisões recentes do ministro Flávio Dino, do STF. “Isso cria indisposição. O governo precisa dialogar mais e melhor”, argumentou.

TSE avalia as urnas

» LETÍCIA CORRÊA*

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) iniciou, ontem, os testes das urnas que serão usadas nas eleições de 2026. Esse é um dos procedimentos para avaliar a segurança dos equipamentos.

Os testes, que prosseguem até sexta-feira, reúnem peritos da Polícia Federal, hackers, programadores e representantes especializados em tecnologia da informação de universidades. Eles farão verificações como tentativa de invasão do sistema de coleta de votos, para procurar vulnerabilidades.

A presidente do TSE, ministra Cármen Lúcia, acompanhou a cerimônia de abertura dos trabalhos. “É sempre bom e necessário aprimorar esses testes para que a gente tenha uma eleição no ano que vem, mais uma vez, segura, tranquila, transparente e, acima de tudo, com o devido sossego eleitoral da eleitora e do eleitor brasileiro”, enfatizou. “Ele pode confiar que o voto será computado como ele mesmo registrou. Será o que ele resolver colocar na urna, sem interferência de quem quer que seja.” Segundo a ministra, o procedimento tem o objetivo “de convidar a sociedade a sentar aqui e verificar se tem alguma vulnerabilidade que ainda tenha que ser corrigida antes das eleições”.

“Estes testes têm o compromisso de dar concretização na confiabilidade, transparência e segurança dos sistemas eleitorais brasileiros, para que o eleitor e a eleitora saibam que os votos deles estão seguros e que serão apurados. O sistema eleitoral do Brasil, hoje, é matriz para o mundo todo”, destacou. Caso sejam encontradas falhas, o TSE pode corrigi-las com tempo suficiente para não atrapalhar o pleito.

***Estagiária sob a supervisão de Cida Barbosa**

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

Na rota de colisão com Alcolumbre, governo Lula corre risco de naufrágio

Quando a marcação é constante e a distância diminui, a rota é de colisão, ensinam os velhos navegantes. É mais ou menos o que está acontecendo entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), por causa da indicação do advogado-geral da União, Jorge Messias, para uma vaga no Supremo Tribunal Federal (STF), em vez do nome do ex-presidente do Senado Rodrigo Pacheco (PSD-MG), que teria amplo apoio dos colegas.

Criou-se uma situação muito complicada, porque Lula não pode recuar — se o fizer, não nomeará mais ninguém que dependa de aprovação do Senado — nem Alcolumbre pode perder a votação, porque isso fragilizaria sua liderança irremediavelmente. Caso o nome de Messias não seja aprovado, o que não

acontece desde o governo do presidente Floriano Peixoto, no começo da República, Lula também não indicará Pacheco. Terá de apresentar outro nome, que forme maioria no Senado. É ou não é uma rota de colisão?

Assim, a indicação de Messias para a vaga deixada pelo ministro Roberto Barroso no STF é o mais sério teste de força para a base de Lula no Senado. Com a sabatina marcada para o próximo dia 10, pela pressão convergente de governistas, independentes e oposicionistas, o atual advogado-geral da União chega à Comissão de Constituição e Justiça em situação delicada: segundo levantamento do Poder360, tem apenas 10 votos assegurados, enquanto precisa de 14 para ser aprovado no colegiado. Outros oito senadores declararam-se contrários, três não responderam e seis preferiram não antecipar

posição — justamente o bloco que decidirá o desfecho. Se o nome for rejeitado, não vai nem ao plenário.

A disputa é voto a voto, bancada a bancada. Entre os que já anunciaram apoio, destacam-se no MDB: Alessandro Vieira (SE), Confúcio Moura (RO), Eduardo Braga (AM), Fernando Dueire (PE), Fernando Farias (AL), Ivete da Silveira (SC), Jader Barbalho (PA) e Marcelo Castro (PI). No PT, alinham-se Augusta Brito (CE), Beto Faro (PA), Fabiano Contarato (ES) e Humberto Costa (PE), além do apoio mais recente, a senadora Leila Barros (PDT-DF).

No PSB, somam-se Ana Paula Lobato (PDT-MA, que atua em bloco com o PSB em várias pautas), Chico Rodrigues (RR), Cid Gomes (CE), Flávio Arns (PR) e Jorge Kajuru (GO). No PSD, apoiam Messias Eliziane Gama (MA), Angelo Coronel (BA),

Irajá (TO), Jussara Lima (PI) e Mara Gabrilli (SP). No União Brasil, Jayme Campos (MT) já deu aval. E no Republicanos, o apoio de Mecias de Jesus (RR) é considerado seguro.

Oposição e indefinidos

No bloco contrário, o núcleo duro da direita e da extrema-direita reúne PL, parte do PP, Podemos, Novo e parte do Republicanos. Pelo PL, já declararam voto contra: Carlos Portinho (RJ), Flávio Bolsonaro (RJ), Izalci Lucas (DF), Jaime Bagattoli (RO), Jorge Seif (SC), Marcos Rogério (RO), Rogério Marinho (RN), Romário (RJ) e Wilder Moraes (GO). No PP, votam contra: Esperidião Amin (SC) e Luiz Carlos Heinze (RS), além de Márcio Bittar (AC), que hoje atua na órbita do partido. No Podemos, Carlos Viana (MG) e Marcos do Val (ES) já se posicionaram a favor da rejeição. A eles se somam Cleitinho (Republicanos-MG), Damares Alves (Republicanos-DF), Hamilton Mourão (Republicanos-RS), Eduardo Girão (Novo-CE), Plínio Valério (PSDB-AM),

Styvenson Valentim (PSDB-RN) e Sérgio Moro (União-PR).

Entre os indefinidos — decisivos — figuram Alan Rick (Republicanos-AC), Astronauta Marcos Pontes (PL-SP), Daniella Ribeiro (PP-PB), Dr. Hiran (PP-RR), Dra. Eudócia (PL-AL), Eduardo Gomes (PL-TO), Giordano (MDB-SP), José Lacerda (PSD-MT), Lucas Barreto (PSD-AP), Oriovisto Guimarães (PSDB-PR), Sérgio Petecão (PSD-AC), Tereza Cristina (PP-MS) e Zenaida de Maia (PSD-RN). Duas ausências notáveis marcam essa lista de incógnitas: Rodrigo Pacheco (PSD-MG), que mantém silêncio institucional, e Davi Alcolumbre (União-AP), cuja posição pública é justamente a variável mais sensível da crise.

A resistência a Messias reflete a nova correlação de forças da Casa. Alcolumbre tornou-se fiador informal das indicações ao Judiciário e não gostou de ver sua autoridade contrariada quando Lula optou por Messias sem consultar previamente os principais líderes. O Senado, que busca recuperar protagonismo após

anos de hegemonia da Câmara, leu a indicação como um ato unilateral.

Nesse ambiente, a tensão entre os Poderes cresceu. Alcolumbre subiu o tom no domingo e acusou setores do Executivo de tentar criar a “falsa impressão” de que a aprovação dependeria de barganhas com cargos e emendas, e criticou duramente o fato de o Planalto ter demorado a enviar a mensagem formal ao Senado. Lula, por sua vez, entrou de sola nas articulações e tenta reconstruir pontes: ontem almoçou com o relator, Weverton Rocha (PDT-MA), e pretende entregar pessoalmente a indicação a Alcolumbre, num gesto de pacificação.

Nos bastidores, aliados de Messias avaliam que parte da bancada evangélica pode lhe dar votos silenciosos, mesmo entre bolsonaristas. A sabatina, marcada para o dia 10, será seguida de votação secreta — e isso abre espaço para traições de todos os lados. O cálculo mais otimista do governo fala em 45 a 48 votos; nas contas de Alcolumbre, Messias teria apenas de 28 a 31.